



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

Brasileira de Informática na Educação. N. 4, v. 1, p. 1-7, 1999. Disponível: <<http://www.lbd.dcc.ufmg.br/colecoes/rbie/4/1/006.pdf>> acesso em 05 jul. 2017.

SCHNEIDER, M. S. P. S. Monitoria: instrumento para trabalhar com a diversidade de conhecimento em sala de aula. **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico**, v. Mensal, p 45-65, 2006.

SOUZA, V. M. A.; CABRAL, I. As dificuldades dos alunos de Administração, Administração Pública e Ciências Contábeis em frequentar às monitorias de uma Universidade. In: XIII SEGET, 2016, Resende – RJ. **Anais...** Resende – RJ: AEDB, 2016.

TAVARES D. W. S. et al. projeto para uma ação de extensão: monitoria virtual. In: XII Encontro de Extensão UFPB-PRAC, 2010, João Pessoa. **Anais...** UFPB: João Pessoa, 2010.

O PROCESSO CONSTRUTIVO E CONTÍNUO DE FORMAÇÃO DO DISCENTE

Fabrissio Matheus de Sousa Farias, discente da Graduação em Letras-Português,
fabrissiosousa@gmail.com;

Fátima Maria Elias Ramos, orientadora e professora Doutora pela Universidade Federal de
Campina Grande, fatima-elias@uol.com.br

Palavras-chaves: formação; discente; acadêmico.

INTRODUÇÃO

Considerando a formação acadêmica do discente, o mesmo, uma vez inserido nesse âmbito, depara-se certamente com concepções mais complexas, não abordadas mesmo durante o ensino médio, mas que algumas poderiam ou deveriam ser abordadas. Além dessas novidades, também encontram concepções que já trazem consigo em seu percurso escolar. Nessa direção, o processo de formação do discente que será tratado adiante é o de aquisição



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

de novos conhecimentos, de construção ideológica, o que o estudante pode apreender e compreender durante sua permanência na Graduação, que consideramos como continuação da formação escolar e não se encerra após a passagem por uma universidade, mas continuará em formação pelo trajeto de sua vida, pois haverá sempre um novo tijolo para ser acrescido na construção de sua formação.

Assim, trabalhar com a educação exige dedicação, paciência, estar aberto para inovações constantes, mas antes de tudo, competência e preparação adequada. Pois o profissional educador necessita estar sempre pronto para diversas situações e, algumas vezes, inusitadas, no decorrer de sua carreira. O discente que pretende trabalhar com a educação, durante seu processo de formação acadêmica, tem à sua disposição vários projetos propostos até mesmo pela própria universidade, para proporcionar o desenvolvimento da habilidade para o ensino, aprimorando os graduandos e tornando-os capazes para poder cumprir proficientemente seu papel de professor. Dentre esses projetos integra-se o de monitoria, que vai além da teoria, dando oportunidade aos discentes de experiências como um profissional da educação, com a perspectiva de contribuição na formação acadêmica dos discentes agraciados com esse projeto.

DESENVOLVIMENTO

Antes de referir-me as experiências adquiridas durante a participação neste projeto de ensino, consideremos um pouco o processo de formação escolar, que precede ao de acadêmico. Numa acepção mais longínqua, o indivíduo começa esse processo de aprendizagem desde seu primeiro contato com o mundo. Como bem diz Maria Helena Martins em *O que é leitura* (1994), “Desde os nossos primeiros contatos com o mundo, percebemos o calor e o aconchego de um berço...” (p. 11); “Começamos assim a compreender, a dar sentido ao que e a quem nos cerca. Esses também são os primeiros passos para aprender a ler.” (p.11).

Se começamos a praticar a leitura desde o primeiro momento após o nascimento,



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

significa então dizer que a construção da nossa formação começa desde este momento, antes mesmo de ingressarmos em uma escola. Pode-se considerar esse período de construção como a “base de todo um edifício”, que está em início de construção. Mas para não ficar tão extenso, falemos agora sobre outra etapa dessa construção, o período da formação escolar, onde a criança, enquanto estudante inserido na instituição escolar, inicia uma etapa de aprendizagem diferente da qual estava sendo feita anteriormente, onde passará agora a ler e a escrever, a tornar abstrato o que faz parte de seu conhecimento de mundo: aprenderá nomes de coisas, operará contas, aprenderá outros idiomas, relacionará símbolos, enfim. É um período longo antes de chegar ao de formação acadêmica, no entanto, é nesta etapa antecedente que encontramos muitas divergências no processo de alfabetização.

A começar pelas diferenças de classes sociais entre os alunos, neste ponto, as condições de cada um são distintas, como por exemplo: se compararmos alguém que teve condições para ter acesso a alguns livros requisitados pela instituição escolar, enquanto que outro, com menos condições financeiras não tenha conseguido ter contato com os livros. Mas esse tipo de problema não está apenas nos alunos, também existem diferenças entre instituições escolares que são ridicularmente visíveis, enquanto uma tem uma boa infraestrutura e oferece educação de qualidade, com uma vasta biblioteca à disposição dos alunos, outras nem o acesso aos livros é permitido para tais alunos, também deixa a desejar no aspecto estrutural, ou mesmo não recebe investimentos, seja de meios públicos ou privados. Infelizmente, esta polarização na formação escolar dos alunos é gritante e terrivelmente real, mas, ainda assim, existem os alunos que não se deixam limitar por causa de condições como estas, sejam da própria escola, sejam financeiras. Sim, enquanto uns se dedicam e buscam o melhor para essa etapa construtiva de ideologias fundamentais para sua formação, outros, de certa forma, são afetados por esses fatores sociais.

Somente quando entramos na universidade, é que conseguimos visualizar esse quadro degradante da sociedade com clareza, e percebemos o quanto foi desperdiçado na fase escolar. Ao continuarmos rumo ao trabalho com a educação é que olhamos para tudo o que há de novidade que a Academia nos dispõe e vemos o que podíamos ter tido acesso antes mesmo de entrar numa universidade. E, no projeto de monitoria, ao auxiliar outros discentes nas



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG A monitoria e a formação docente e profissional

dificuldades de aprendizado no decorrer do semestre, o aluno-monitor insere-se numa função em que exerce, basicamente e na prática, a função de docente. Neste momento, ao perceber as dificuldades dos discentes auxiliados, pode-se também se enxergar através deles, no sentido que assim como eles, também apresentei as mesmas dificuldades. Isso contribui para moldar as ações de um futuro docente, para compreendê-los com mais especificidade, conseguindo identificar, em algumas vezes, os sinais de dúvidas que os discentes apresentavam a respeito de tal conteúdo. Além disso, melhora também o contato e vivência entre os discentes e docentes, fazendo com que o aluno sinta-se estimulado a participar de outros projetos. Isso se dá através das orientações do/a professor/a orientador/a ao discente engajado no projeto de monitoria, e o acompanhamento dos mesmos aos alunos do semestre letivo.

Na monitoria da disciplina Texto e Discurso ofertada aos alunos do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, o trabalho foi voltado para teóricos que possuem objetivos de desenvolver outras concepções de leitura nos discentes. Quanto a essas concepções, são algumas das novidades que encontramos ao estudarmos essa temática, porque já trazemos conosco, da nossa formação escolar, nossa compreensão em torno da palavra leitura. Mas não imaginávamos o quanto pode carregar de sentido uma só palavra, ou alguns já são cientes dessa noção, mas não como as novas visões de leitura que teóricos como, Orlandi (1988), Freire (1984), Koch & Elias (2010) e entre outros, mostram-nos que a leitura não é apenas a decodificação dos grafemas, não é apenas ler por ler um texto qualquer, mas sim, o entendimento do que está sendo lido, a compreensão dos sentidos que estão além da superfície textual, e que cada um compreende a sua maneira, com base em seus conhecimentos prévios, em sua bagagem cultural e histórica. Koch e Elias (2010) dizem a respeito: “*Considerar o leitor e seus conhecimentos e que esses conhecimentos são diferentes de um leitor para outro implica aceitar uma pluralidade de leituras e de sentidos em relação a um mesmo texto.*” (p. 21)

Aceitar a diversidade de leituras entre os colegas é importante, enquanto discente em formação, pois isto implica em uma proposta de valor ético, como futuro educador, de que cada um realiza o ato da leitura conforme seus conhecimentos sobre o que está sendo lido, para não assumirmos, como Freire (1984) bem observou, um papel de ditador, autoritário, em



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

sala de aula. Além de exercitarmos a capacidade de compreensão de um texto e a atribuição de sentidos possíveis ao contexto textual, também estudamos o conceito de texto, como também a distinção em relação ao discurso. Os discentes não apresentaram tantas dúvidas a respeito destas temáticas, mas o interessante é que quando iriam definir o conceito de texto, podia-se observar um pouco de confusão deles, pois, apesar de ser algo tão simples como definir um texto, que tivemos contato durante toda nossa formação escolar, é curioso quando chegamos na Academia e sentimos dificuldade em dar tal definição, uma vez inserido no projeto de monitoria, pude também identificar esta minha dificuldade quando também ingressei no curso.

Apesar de ser apenas a definição de texto, durante a formação escolar são muito poucos os que tiveram a oportunidade de, no mínimo, estudar este conceito, ainda que superficialmente. E quando chegamos à universidade, apresentamos essa dificuldade, isso porque, apesar de estar em mudanças, o ensino de língua portuguesa ainda é voltado para uma perspectiva de estudar os componentes de um texto, como a palavra, as frases, as orações, mas raramente, chega ao nível do texto em si, como uma unidade semântica.

Durante o semestre letivo, os diálogos com os discentes são, de certa forma, produtivos, pois graças ao conhecimento básico adquirido no período escolar, torna-se mais fácil a compreensão dessas novidades para nós, que estamos em formação acadêmica, porém, é perceptível a insegurança dos discentes quanto às suas ideologias a respeito de determinados conteúdos, o que justifica o nível de participação dos mesmos no momento da aula da disciplina. Por exemplo, ao abordarmos Orlandi (1988), anteriormente citada, que apresenta-nos as distintas noções de leitura, fundamental para o decorrente desenvolvimento nos estudos que se sucedem, além de ser discutida a questão da legibilidade textual, que não é algo apenas superficial, na estrutura explícita do texto, mas também no seu entorno, a autora refere-se ao afirmar isto à legibilidade implícita, que a compreensão dependerá conforme os conhecimentos que cada leitor traz consigo, tendo conseqüentemente, a possibilidade de inúmeros sentidos permitindo, portanto, a interação entre os interlocutores. Quanto a esta temática, os discentes não demonstram tanta dificuldade, pois deparam-se desde a escolaridade com a diversidade de ideias, com a pluralidade de sentidos contidos em um



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

texto, mas que só é explorada de maneira mais aprofundada quando chega-se à universidade, e como consequência, transparecem a decadência do ensino básico. A maioria revela essa limitação. E de fato, o trabalho com os gêneros textuais ou discursivos carece de abordagens específicas, esclarecedoras, pois são básicas e possíveis de serem trabalhadas. Os discentes, ao entrarem em contato com este assunto na Graduação em Letras, mostram-se inseguros, como se fossem algo novo, mas logo entendem que não é.

No decorrer do semestre, as habilidades cognitivas também vão sendo aprimoradas, o que torna a disciplina imprescindível para o discente. A noção de leitura é ampliada ao estudarmos Orlandi, Antunes, Martins, e outros estudiosos da área, como Koch e Elias (2010), que trazem grandes contribuições para o melhor entendimento dos alunos, que trabalham não apenas com a noção de leitura, mas também com a de língua, texto e comunicação entre os interlocutores. A partir deste conteúdo sempre aumenta a quantidade de alunos que buscam pelo atendimento da monitoria, em comparação com o início do semestre, passam também a demonstrar maior interesse e dedicação no aprendizado. Aprofundamos ainda mais nos conceitos de texto e leitura, e os diálogos tornam-se ainda mais esclarecedores, por já possuírem bases importantes e capacidade para discutirem determinados assuntos. Partimos então para os princípios de construção do texto e do sentido, tendo como estudiosa Koch (2004). Aqui eles voltam novamente a apresentar um pouco de dificuldade, pois estudam sob um novo ponto de vista os critérios da textualidade, embora trate-se de algo que já foi estudado no ensino básico. Alguns se sentem confusos, pois analisam o conteúdo tendo em vista novas concepções e perspectivas, a exemplo de Beaugrande & Dressler (1981), Koch (2004) que utilizam uma linguagem a qual ainda estão se adaptando, porém, como já possuem base em torno deste conteúdo, não é, portanto, algo complexo, de difícil compreensão.

Os discentes conseguem, ao realizarem a leitura, entenderem a temática, mas não basta apenas a leitura, é necessário também, ao considerarmos os critérios da textualidade e as funções da linguagem, atividades práticas, para desenvolver o conhecimento de coesão textual e coerência, identificando no texto esses elementos. Levavam-me então as atividades da professora e orientadora do referido projeto, para discutirmos as formas de respondê-las, trabalhando especificamente a coesão referencial, que se dá por meio dos elementos



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

linguísticos presentes no texto. Além disso, foram realizadas discussões sobre as divisões desses critérios, em *centrados no texto e centrados no usuário*, segundo postulações de Beaugrande & Dressler (1981), as quais também geraram muitas críticas de teóricos da área. Nesse sentido, os discentes demonstraram interesse no conteúdo, como também nos outros fatores textuais propostos por outros pesquisadores, que de fato são necessários para uma boa compreensão textual e também conferem coesão e coerência.

As contribuições desses estudiosos para a formação dos discentes são indispensáveis, somando ao que já fora adquirido na formação escolar, e sendo possível a continuidade desses conhecimentos na universidade, como são propostos no início do curso, servirão de suporte para demais disciplinas da nossa formação acadêmica. Os alunos adquiriram conhecimentos sobre a coesão referencial, no entanto, quando era necessário detalhar o elemento coesivo, apontando sua classe gramatical, demonstravam breve esquecimento a respeito do assunto. Quanto às funções da linguagem sob o ponto de vista de Martelotta (2010), não tiveram tantas dúvidas sobre os conceitos.

Por um bom tempo, voltamo-nos para a construção analítica do texto, explorando para isso, Antunes (2010), tendo o texto como ferramenta sociocomunicativa, mais do que apenas palavras e frases descontextualizadas, passamos a analisar os propósitos comunicativos que contêm um texto, em consequência, os interlocutores dessa intenção comunicativa, e identificar, utilizando para isso os conhecimentos adquiridos até então, a orientação temática de determinado texto. Os discentes apresentavam domínio quanto a estes pontos de análise, além de falarem a modalidade e a extensão textual, a forma como o texto estava materializado, se era longo ou curto, se a linguagem era formal ou informal, o veículo e o suporte, o gênero do modelo composicional do texto, o que não era problema. Passando-se, após essa abordagem, para as concepções do discurso, estudando seus diversos conceitos, relacionados à noção de ideologia, que se diversifica na produção linguística verbal.

Com relação a este tema, a demanda de alunos, no que diz respeito ao atendimento, foi um pouco menor, apenas uma parte demonstrou interesse, tornando o processo prático de aprendizagem do discente-monitor um pouco limitado, além de outros fatores que dificultavam os encontros, tanto por parte do monitor quanto dos discentes do



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

semestre letivo. Apesar disso, a comunicação entre os discentes melhora, o professor orientador dedica-se intensamente para a concretização do objetivo proposto pelo projeto, garantindo assim a aquisição de experiência profissional para o monitor-discente, o que é importantíssimo para à nossa formação.

CONSIDERAÇÕES

Enfim, o projeto de monitoria dá oportunidade ao discente para vivenciar a prática docente em sua formação acadêmica, para construir com mais qualidade seu ser profissional, o qual o discente tanto almeja. Sabemos que há obstáculos difíceis na carreira docente, mas o desempenho desse projeto é de grande importância e um bom suporte para o discente que escolheu a carreira de ser professor, indo além da teoria, e contribuindo também para a identificação do aluno com o seu curso de licenciatura. Projetos como o de monitoria são necessários para uma formação de qualidade e, os discentes são privilegiados com essas oportunidades, tanto o que participa diretamente como monitor quanto os que participam indiretamente por meio do atendimento.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas.** São Paulo: Parábola, 2010.
- FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 1984.
- KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org.). **Manual de Linguística.** 1. ed. 3ª reimp., São Paulo: Contexto, 2010.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura.** São Paulo: Cortez, 1988.